Em vez de prefácio:

De um estudo sobre o *Art Nouveau em Belém*

Donato Mello Júnior
Arquiteto

Quem queira estudar a História da Arte Brasileira encontrará fases já pesquisadas em variada bibliografia: o Barroco, o Neoclássico, a Semana de Arte Moderna, a Arte Contemporânea. Mesmo estas fases ainda apresentam claros a serem preenchidos ou revisões e análises por serem estudadas por pesquisadores e críticos. Muitos artistas barrocos, neoclássicos e modernos ainda passam por reexames, julgamentos e pesquisas: do Aleijadinho a Almeida Júnior, de Landi a Antônio Parreiras, de Grandjean de Montigny a Ismael Neri. Ainda agora se prepara um Congresso do Barroco Brasileiro, onde muita interpretação nova e descobertas se ouvirão. E Minas Gerais se dá ao luxo de uma revista especializada em Barroco.

A nossa nacionalidade ao se conscientizar da própria Memória teve suas preferências ou propriedades. Em 1937, ao ser criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a "Memória Nacional", voltou-se mui naturalmente, para suas raízes coloniais e suas obras barrocas ou rococós foram privilegiadamente enfocadas: o Aleijadinho, por exemplo, e todo o barroco mineiro, baiano e fluminense. (...)

A conscientização de outros valores culturais evoluiu para a abrangência hodierna, integrando-se na "Memória Nacional", fases menos prioritárias, como o Ecletismo, o Modernismo, a Contemporaneidade e a própria Cultura Popular, e não só as manifestações eruditas da Arte e as obras de pedra-e-cal.

Talvez as contribuições mais características ou autênticas da Arte Brasileira, além da cultura indígena, sejam as obras do barroco-rococó colonial (arquitetura, talha, imaginária, mobiliário e prataria) e as manifestações contemporâneas (arquitetura e gravura), as quais alcançaram projeção internacional e já fazem parte da história universal das artes. Ouro Preto alcançou recentemente o título de patrimônio universal pela UNESCO.

Entre estes extremos, a nossa arte neoclássica da Missão Artística Francesa, o estilo imperial brasileiro, embora relativamente estudados, e a boa arte acadêmica, hoje revalorizada, ainda estão por ser melhor pesquisados ou revelados.(...)

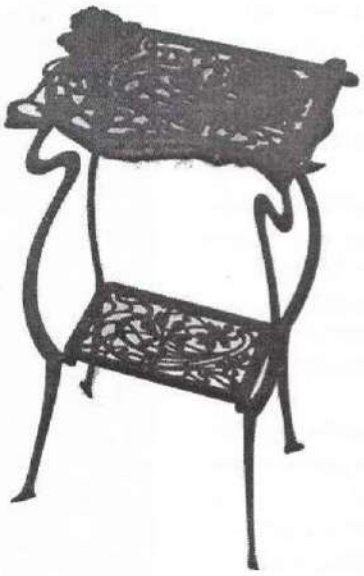
O *Art Nouveau* reabilitou-se há poucos anos, não sendo mais tido como um estilo passageiro e sem valor entre os inúmeros *ismos* que pululam, em arte, nos últimos cem anos.

Haja vista a extensa e valiosa obra francesa de Maurice Rheims *La sculpture au XIX siècle*, 1972;

Portões de ferro da antiga Escola Normal, em Belém

L' Object 1900; e *L'Art* 1900 ou *Style Jules Verne*. De origem inglesa lembremos *Alastair Mackintosh Symbolisme and Art Nouveau*, obra de Bernard Champigneulle, em boa hora divulgada em São Paulo, em edição da USP.

A própria expansão deste estilo e uma dezena de nomes para caracterizá-lo, já são indícios da sua internacionalidade.O movimento *Art Nouveau*, nitidamente anti-acadêmico, precedido pelo Simbolismo e pelo Impressionismo e suas derivações estéticas, inicia o Modernismo artístico que sucedeu ao neoclassicismo idealista, ao Realismo e ao Academismo conservador, face às novas condições sócio-culturais geradas pela Revolução Industrial e o progresso tecnológico.



O Brasil recebeu, com certo atraso, os vários *ismos* do século XIX. Mas, de um certo modo, acompanhou paralelamente a evolução da arte *fin de siècle* e da *belle époque*.

Art Nouveau, *Style Guimard*, *Style Metro* ou *Jules Verne*, na França; *Jugenstil* na Alemanha; *Moderne Style* ou *New Style* na Inglaterra; *Sezession* na Áustria, *Ligne Belge* na Bélgica e *Liberty* na Itália, são alguns nomes ou facetas da arte inicial do Modernismo, ruptura, seja dito, com a arte clássica, com a neoclássica e com a acadêmica. O uso preferido de elementos florais, hastes e folhas, fazem-no ainda conhecido como Estilo Floreal. E há outros nomes ainda. Aliás não há estilo que tenha tido tantos batismos. (...)

Nesta coexistência, embora polêmica da arte conservadora e das reações de vanguarda, Paris, capital das artes, liderou, no século XIX, quase todos os movimentos culturais. Reconhece-se, entretanto, que no fenômeno *Art Nouveau*, a Inglaterra precedeu com o movimento dos pré-rafaelitas e com a obra de William Morris, da Escola de Glasgow e da influência da firma Liberty and Co., movimento logo retomado pela França. (...)Arquitetos, pintores, escultores, gravadores, desenhistas, ebanistas e artesões renovam a imagem tipológica da obra de arte, agora mais livre e ligada aos processos e materiais da Revolução Industrial. (...)

São Paulo tem em Flávio Motta o melhor estudioso do seu Art Nouveau desde 1952, quando escreveu São Paulo e o Art Nouveau estudo amadurecido em 1957, na sua tese para Professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Contribuição ao estudo do Art Nouveau no Brasil e, mais recentemente, em 1976 ao colaborar no belo catálogo da exposição "Vila Penteado", na FAU de São Paulo. (...)

Belém, todos sabem, gozou do fastígio da belle époque, tanto quanto o Rio ou São Paulo.

O suporte econômico da borracha, por uma geração (1890-1912), a figura de um mecenas à Renascença, na figura singular do intendente Antonio José Lemos, um engenheiro Francisco Bolonha e algumas famílias ricas: Faciola, Pinho, Paes Barreto, Montenegro e outras, permitiram a Belém luxos hoje lendários: o Palacete Pinho, o Palacete Bolonha, os mercados, os coretos, os azulejos, as lojas, as exposições, os relatórios do Velho Lemos e do governador Montenegro, algumas decorações do Teatro da Paz e do Palácio Lauro Sodré, a urbanização de suas praças, as coleções de arte de Paes de Carvalho, dos Governos Estadual e Municipal, suas festas e temporadas líricas, algumas construções metálicas e arquiteturas ecléticas constituem vestígios da belle époque belenense, que hoje constituem parte da sua memória de uma época de abundância, bem-estar e requintes sociais.

Testemunhos da riqueza desta memória ainda existem, mas parte desapareceu com a decadência do ciclo da borracha, quando Belém chegou a empobrecer.

A Cidade, parcialmente, é um museu urbano da *belle époque*, e algumas coleções particulares resguardam, hoje, ciumentamente, o restante de uma herança dilapidada e imigrada. Este acervo ainda não mereceu de intelectuais ou críticos os estudos que comporta. Quem conhece os azulejos apainelados dos palacetes Bolonha e Montenegro, ou da antiga residência de Vitor Maria da Silva? Nesta última, toda azulejada internamente, há painéis de Boulanger.

Tivemos a ventura de conhecer muitos Gallé do Palacete Faciola e mais algumas obras de arte do seu recheio.Uma jovem professora paraense Sra. Célia Coelho Bassalo – formada pela Universidade Federal do Pará, educada em ambiente familiar de intelectuais, que chamaríamos Academia Machado Coelho, apaixonou-se pela temática da belle époque paraense, como mais alguns intelectuais da terra. Ela mesma coleciona objetos *Art Nouveau* e, ao estudá-los, extrapolou interesse por esta fase singular da vida artística e social da Belém de Lemos, que tanto impressionou o Brasil de 1900.

Célia Coelho Bassalo, da atração pelo objeto belle époque, evoluiu para o estudo e conhecimento deste estilo, início do Modernismo do século XX, consultando a rica biblioteca paterna. E o que lá não encontrou, partiu para ampliar a sua, para a dos outros e para consultas e, ora, nos apresenta esta interpretação de seu significado social, sociológico e artístico devidamente documentado com alguns exemplos locais.

Começa ela, creio, a repetir em Belém, a obra de Flávio Motta, em São Paulo. Do objeto coleciona-

do à cultura *belle époque*, a professora Célia deu vários passos – e dará outros – no sentido de melhor conhecê-la e divulgá-la.

Este trabalho que ora apresenta à sua Universidade é o primeiro fruto de uma pesquisa e de uma disciplina de alguns anos.

Da *belle époque* internacional à belle *époque* belenense, a professora Célia, através de uma síntese do estilo, de suas implicações sócio-econômicas, chega, através de algumas observações sociológicas, à memória paraense, ilustrando-a com fotos de seus vestígios materiais na sua coleção e na de outras, e na paisagem urbana de Belém.

O fenômeno Art Nouveau foi universal e rapidamente se generalizou numa classe social abastada e educada à européia.

De origem alienígena, empacotado, o estilo chegou ao Brasil, via importação de objetos, pela divulgação em revistas, pelas viagens e pela moda. Não tem ele raízes brasileiras, mas uma geração adotou-o, embora geralmente o misturasse com o Ecletismo na arquitetura vigente, de origem historicista. (...)

Substituído, em parte, pelo chamado Art Deco, o estilo *Art Nouveau*, após um período de desvalorização por duas gerações, passou a estilo histórico, capítulo da Histórica da Arte, passando, hoje em dia, por um processo de reabilitação internacional e, no Brasil, de que Flávio Motta, Célia Bassalo e mais alguns críticos, como José Roberto Teixeira Leite, dão testemunho.A memória brasileira tem no seu patrimônio artístico alguns belos exemplos, muito fundidos com o Ecletismo da época, ora mais, ora menos puros: O Teatro Amazonas, de Manaus, o Teatro José de Alencar, de fortaleza, os Palacetes Bolonha, Pinho, Montenegro e Faciola, de Belém, a Vila Penteado de São Paulo, as capas dos relatórios do intendente Lemos, a residência do largo do Russel no Rio, as grades de um palacete de esquina no Flamengo, também no Rio, os inúmeros gradis de ferro de sacadas cariocas e paulistas, e mesmo de outras cidades, são alguns vestígios brasileiros do famoso estilo. Mas muita coisa já desapareceu frente à renovação urbana insensível a certos valores culturais.

O SPHAN já tem alguns monumentos de pedra-

Senhora Maria José Paranatinga Barata, exemplo da elegância em moda *art-noveau*, no Pará.

e-cal tombados; os Teatros Amazonas e José de Alencar e o Palacete Russel, são algumas arquiteturas por ele alçadas ao status de *Monumentos Nacionais*. Vários outros do nosso ecletismo incorporaram decorações ou detalhamentos belle époque como os Teatros da Paz de Belém e o Municipal do Rio. São Paulo tombou seu mais significativo exemplo, a famosa Vila Penteado.

Belém está a estudar seus futuros tombamentos e, neles, incluirá alguns exemplares expressivos da sua lendária belle époque, para honra e glória da cidade de Antonio Lemos.

Célia Coelho Bassalo e alguns outros estudiosos poderão influir, juntamente com os arquitetos da terra no processo de conscientização desta fase áurea da história artística do Pará.

Seu trabalho, em parte pioneiro, bem o ilustra e, cremos, poderá contradizer Franklin de Oliveira que, desanimado, desabafou em 1967, suas decepções num livro – Morte da Memória Nacional – em exemplos antigos e que, infelizmente, ainda ocorrem no Brasil a fora e na própria capital cultural do país. (...)

A jovem professora da Universidade Federal do Pará focalizou um tema importante, de reabilitação e, portanto, digno de divulgação.

Sua contribuição alertará autoridades e o povo para os valores de uma fase da história da arte paraense que só tem seu pendant com as arquiteturas de Landi na segunda metade do século XVIII, duas épocas áureas da Memória Paraense.